

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2013



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da Educação

# Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis

Lidia Antonio<sup>1</sup>  
Ana Josefina Ferrari<sup>2</sup>

## RESUMO

Este Projeto de Intervenção Pedagógica<sup>3</sup>, destinado aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, visa sensibilizar a todos no convívio com seus pares e também o despertar para uma nova linguagem, bem como busca a adaptação do aluno surdo em sala de aula. Ao ensinar Inglês para todos através das Libras, conseguimos criar uma ponte em comunicação envolvendo o aluno surdo, e oportunizando que todos tomem conhecimento de sua Língua, deixando-o interagir com seus colegas de sala. Sem a necessidade de um Intérprete. Assim acredito que se dará uma verdadeira inclusão.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa, aluno surdo, Libras, Inclusão

## 1 INTRODUÇÃO

Para os professores de Língua Inglesa, esta inclusão constitui-se um verdadeiro desafio para preparar uma aula, pois temos de ter ciência de que o aluno surdo precisa de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural, para que não venha a ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem.

(...) as práticas pedagógicas podem vir a promover condições para o surgimento, manutenção e exposição das deficiências, quando não propiciam a adequação de objetivos, conteúdos, materiais e estratégias de ensino às necessidades de seus alunos. Inúmeras polêmicas tem se formado em torno da educação escolar para pessoas com surdez, e a proposta de educação inclusiva é um desafio que para ser efetivada faz-se necessário considerar que os alunos com surdez tem direito de acesso ao

---

<sup>1</sup> Professora PDE, Licenciada em Letras Português e Inglês, Especialista em Língua Inglesa vinculada no Colégio Estadual Fazenda Velha – Araucária PR.

<sup>2</sup> Professora Orientadora, Pós-doutoranda em Linguística. Vinculada ao Departamento de Língua Espanhola da Universidade Federal do Paraná, setor Litoral.

<sup>3</sup> Primeira etapa do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) em que o educador elabora um projeto que subsidiará o seu trabalho durante o desenvolvimento do PDE.

conhecimento, à acessibilidade.(IMAMURA, 2000, p.26).

Pessoalmente acredito que ao abordar este tema estarei me preparando para agir conscientemente, baseada em valores importantes como a promoção da igualdade e a superação da segregação, fato que ocorre quando me despertou a consciência de novas habilidades no planejamento de minhas aulas e minha maneira construtiva de lidar com o diferente. Procuo sempre, nas minhas aulas de Inglês, ser ciente de que no processo de aprendizagem cabe a mim, usar as aulas de Língua Inglesa para ampliar os horizontes de meus alunos ouvintes e surdos para outra cultura, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade.

Além da minha experiência, uso como justificativa os documentos oficiais, como a Carta de Salamanca, o Estatuto da Criança, Declaração Universal e outros que falam da necessidade e importância da conscientização mundial para inserção da criança deficiente na sociedade.

Esta proposta de pesquisa no Programa de Desenvolvimento Educacional<sup>4</sup> (doravante PDE) pela Declaração de Salamanca (1997) há a menção à situação linguística dos surdos e se defende as escolas e classes para eles.(artigo 21) pg 30.

A Declaração de Salamanca foi resultado das várias declarações das Nações Unidas que culminaram no documento intitulado “Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências”, o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional.

Propõe que seja reforçada e oferecida em âmbito geral uma educação diferenciada ao povo surdo que aqui entende-se como:

“ Conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usam a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado.” ( STROBEL, 2006. p.6)

Não fala sobre a língua estrangeira mas ressaltou a necessidade de se

---

<sup>4</sup> Programa de Política Pública do Governo do Estado do Paraná que objetiva proporcionar aos professores da rede pública estadual subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas e que resultem em redimensionamento de sua prática.

oferecer às crianças e adolescentes, sobretudo aos portadores de necessidades educacionais especiais, as condições para que sejam matriculados em escolas regulares. Apenas não foi previsto que o surdo não pode ser tratado como os demais alunos. Com isto estão sendo colocadas em salas regulares, e precisam conviver em um ambiente fora de sua realidade na sala de ouvintes, onde sentem então a força da exclusão, pois o professor não sabe quais as ferramentas para desenvolver seu trabalho com esta criança e conseqüentemente algumas muito pouco conseguem aumentar seu grau de conhecimento no ambiente de escola regular. É preciso organizar materiais, onde se possa trabalhar em conjunto com os alunos regulares. Faz-se urgência no preparo dos professores das séries iniciais e Ensino médio para este convívio com a criança surda.

Essa declaração redefiniu e tornou mais abrangente o conceito de necessidades especiais, o qual passa a definir todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam não somente com deficiências físicas, psíquicas ou cognitivas, mas também crianças com altas habilidades, superdotadas, crianças de rua, crianças de população remota ou nômade, crianças de minorias étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais com dificuldades educacionais especiais.

Também outro documento oficial que trata desta conscientização é o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069, promulgada em 13 de julho de 1990 que, entre outras determinações, estabelece: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”

Até o momento, os documentos oficiais mostram a importância de se pensar nas questões inclusivas e necessidades especiais de forma geral. No entanto estes documentos não mencionam as questões de língua inglesa, foco deste trabalho. A discussão de língua estrangeira aparecem mais especificamente na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos 1996 que afirma que “ a aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão e ainda complemento com a citação das DCES:

“ a aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna, deve servir na progressão no trabalho e estudos posteriores e também contribui para

formar alunos críticos e transformadores através do estudo de texto que permitam explorar as práticas de leitura, da escrita e da oralidade, além de incentivar a pesquisa e a reflexão.” (DCES (2008, p.56 )

Tendo em vista todos estes direitos previstos em lei, mas que nem sempre são cumpridos, afirmo que é inegável a importância da língua inglesa no mundo atual devido à abertura nos âmbitos comercial, cultural, científico, político e até mesmo turístico, em que ela é a ferramenta que permite que as trocas e/ ou relações aconteçam e ajudando o sujeito a se perceber melhor e a perceber melhor o outro, o diferente. As escolas necessitam de pessoas preparadas para receber o aluno surdo, para que não haja o isolamento Como seu convívio escolar de maior tempo se dá em sala de aula, será necessário que o professor de língua inglesa esteja em contato com a criança usando a Libras disciplina curricular desde dezembro de 2005, juntamente com a língua materna

A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, art.36, Inciso III. Porém, um dos grandes problemas enfrentados pelos educadores das séries finais do Ensino Fundamental é a falta de preparo e apoio pedagógico, principalmente na disciplina de Língua Inglesa para usar Libras para os surdos que antes eram considerados à margem da sociedade como figura humana e hoje estão inseridos nos contextos de todos os âmbitos da sociedade.

Finalizando, venho oferecer minha contribuição neste processo de interação, pois acredito que poderemos ter um Ensino de Língua Inglesa utilizando Libras dentro do currículo escolar, dinâmico e interativo, que vai oportunizar aos professores e alunos, uma consciência e construção de comunidade bem ampla, atendendo a todos neste processo social. É preciso que o ensino da Língua Estrangeira seja entendido sem barreiras de comunicação.

## **2 De que forma trabalhar a Língua Inglesa com os alunos surdos e não-surdos utilizando a Libras?**

A inclusão se faz necessária e as aulas específicas de Educação Inclusiva estão em escolas como o Instituto de Educação do Paraná, em Curitiba e na Universidade Federal de Santa Catarina, no Curso Letras/Libras.

Porém, nem sempre foi assim. De acordo com Strobel (2006), na antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como anormais, que apresentavam algum tipo de atraso na inteligência devido a ausência de trabalhos e pesquisas e, principalmente devido, ao olhar preconceituoso da sociedade que acreditava que o sujeito normal só se comunicava através da fala. Assim, os surdos passaram a ser excluídos da sociedade bem como da vida escolar.

No Egito antigo, os surdos eram considerados pessoas especialmente escolhidas, mas isto não era considerado por todos os povos, pois por volta de 753 A.C., o fundador de Roma, o imperador Rômulo decretou uma lei a qual orientava que todas as crianças que se tornassem incômodo para o Estado, deveriam ser mortas até os três anos de idade, assim afirma Foucault no seu livro História da Loucura (1961) Então por isso, muitos surdos não conseguiram fugir deste destino bárbaro.

Aristóteles foi acusado de manter o surdo na ignorância por dois mil anos (Deland, apud Moores, 1996). Por não ouvirem, os surdos eram considerados desprovidos de razão, o que tornava sua educação uma tarefa impossível. Até a Renascença, a ideia de educar os surdos parecia impossível e só a partir do século XVI é que se observa um esforço para educá-los. Começa então a história da educação de surdos por Ericsson (1998), pesquisador surdo, que organiza três fases na história da educação de surdos resumidas a seguir: do autor do livro.

A primeira fase desta história compreende o período até 1760. As crianças surdas das famílias abastadas eram ensinadas individualmente por tutores, para terem direito à herança. Pedro Ponce de Leon (1520- 1584) utilizava o alfabeto manual com as duas mãos e fazia uma junção dos sinais usados pelos monges beneditinos que viviam sobre a lei do silêncio e foi um dos tutores da nobreza espanhola. Os métodos utilizados no ensino das crianças surdas eram: a fala, a escrita, o alfabeto manual e os sinais. Os métodos utilizados no ensino eram guardados como segredo e pouco se sabe sobre este período.

Na segunda fase, de 1760 a 1880, já havia a escola para surdos. No final do século XVIII três homens desconhecidos entre si fundaram escolas para surdos em países diferentes da Europa. Na França, o Abade Charles-Michel de Lèpée fundou a primeira escola onde privilegiava a língua de sinais Francesa (LSF) e teve o mérito de reconhecê-la como língua e divulgá-la, bem como mostrar que, mesmo sem falar, os surdos eram humanos, estendendo assim as possibilidades de educação para

surdos de todas as classes sociais (Moore 1996). Os alunos educados por Lèpée formaram-se e foram seus multiplicadores.

Os surdos, de forma geral, foram privados de se comunicarem em sua língua natural durante séculos. Profissionais de saúde, escolas e familiares de surdos têm seguido uma tradição de negação ao uso de sinais.

Em 1880, no Congresso de Milão, o adepto convicto do oralismo, Alexandre Graham Bell, que fazia parte do movimento eugênico, pregava que a surdez era uma aberração para a humanidade, pois perpetuava características genéticas negativas. Após este discurso, o casamento entre pessoas surdas, os internatos e o contato entre surdos foi proibido. A preferência pelo oralismo foi reconhecida neste Congresso Internacional de Educação do Surdo, quando ficou decidido que a educação deles se daria exclusivamente pelo método oral.

Por quase um século, houve perseguição às línguas de sinais, que sobreviveram graças à contracultura das crianças nas escolas clandestinas, rebeldes e cruéis. Os códigos não chegaram a ser eliminados, mas foram conduzidos ao mundo marginal (REE acessado em 26/11/2014).

Com a aprovação do método oral, os professores surdos foram destituídos de seu papel de educadores e a língua de sinais foi proibida de ser usada pelos professores na educação e na comunicação com seus alunos. Padden e Humphries (1988) mostram que as escolas, em sua grande maioria, proibiam o uso de língua de sinais para a comunicação entre eles, forçando-os a falar e a fazer leituras labiais e, quando desobedeciam eram castigados fisicamente e tinham as mãos amarradas dentro das salas de aulas (Gesser 2012, p25). Finalmente, na década de 1980, em todos os lugares do mundo na condição de minoria, passaram a exigir o reconhecimento da língua de sinais como válida e passível de uso na educação de crianças não ouvintes.

A primeira escola para surdos do Brasil surgiu em 1857, no Rio de Janeiro, por D. Pedro II, que solicitou o encaminhamento de um professor ao ministro da República Francesa. Foi recomendado o Professor Huet, que havia sido aluno na Escola do Instituto Nacional de Paris e trouxe a língua de sinais Francesa (Lane, op.cit). Libras.

As primeiras pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais foram realizadas por Ferreira Brito, 1984; Felipe, 1988 e mais recentemente por Karnopp 1994; Capovilla e Rafael 2001. Finalmente após quase duas décadas de lutas de

lideranças surdas e ouvintes, a Lei Federal 10.436 de 2002 aprovou a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como meio legal de expressão e comunicação das comunidades surdas, regulamentada recentemente pelo decreto nº5626 de 2005.

Encontramos um texto de Gesser (2012, pg 34) que nos conta um pouco sobre a língua de sinais, LIBRAS descrevendo esta língua como visual-espacial na qual o uso do espaço e o olhar têm valor discursivo com gramática própria, e considerada como uma das maiores produções culturais dos Surdos, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade. É um poderoso símbolo de identidade para a comunidade em parte por causa da luta para encontrar sua identidade em um mundo ouvinte que tem tradicionalmente desprezado sua língua e negado sua cultura. É costume, da comunidade surda, atribuir sinal pessoal para cada pessoa, que não deve ser mudado nunca.

Podemos nos apoiar em inúmeros documentos internacionais e nacionais que tratam do atendimento às pessoas com deficiência no campo educacional, os quais orientam, recomendam e/ou determinam como deve ser o processo inclusivo nas escolas regulares como:

- Declaração Universal de Direitos humanos de 10 de dezembro de 1948: adotada e proclamada em Nova York, Estados Unidos da América, pela Assembleia Geral da ONU, através da Resolução 217<sup>a</sup>-III, que estabelece os direitos de todos os seres humanos.

- Declaração sobre Equiparação de Oportunidades, de janeiro de 1987: um documento da DPI – Disabled Peoples International, que analisa o conceito de equiparação de oportunidades, focalizando entre outros aspectos, as oportunidades de educação e de trabalho, os serviços sociais e de saúde, o papel das organizações de pessoas com deficiência e como podem trabalhar juntos a ONU, os governos, os profissionais de reabilitação e as pessoas com deficiência em prol deste objetivo comum- a equiparação de oportunidades.

- Carta para o Terceiro Milênio: aprovada pela Rehabilitation International, em Londres, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, define a situação das pessoas com deficiência e estabelece medidas que levem a sociedade a proteger os direitos destas pessoas mediante o apoio ao pleno empoderamento e inclusão em todos os aspectos da vida.

- Declaração Internacional de Montreal sobre inclusão de 05 de junho de 2001: aprovada em 5 de junho de 2001 pelo Congresso Internacional `Sociedade



Inclusiva realizada em Montreal, Quebec, Canadá, reafirma o que está posto na Declaração Universal dos Direitos Humanos “ Todos os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade e direitos” (artigo 1 ) e diz mais: “As declarações intergovernamentais levantaram a voz internacional para juntar, em parceria, governos, trabalhadores e sociedade civil a fim de desenvolverem políticas e práticas inclusivas”.

- Congresso Internacional Sociedade Inclusiva: convocado pelo Conselho Canadense de Reabilitação e Trabalho que apela aos governos, empregadores e trabalhadores bem como a sociedade civil para que se comprometam e desenvolvam o trabalho.

Na perspectiva da Educação Inclusiva – PNE Lei 10172/ 2001, as Diretrizes Curriculares Nacionais, destaca que:

(...) o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana e persistindo nesta idéia, defendemos uma escola com professores e profissionais preparados onde a sala de aula seja um microuniverso, onde todos, numa verdadeira sociedade possam ter acesso ao conhecimento.

- Constituição Federal, de 5 de outubro de 1988 (base para todos os documentos legais decretos, leis, resoluções, portarias, que dizem respeito às pessoas com deficiência) traz os seguintes dispositivos específicos: art.3º, inciso IV; art 7º, inciso XXXI; art. 24, inciso XIV; art. 37, inciso VIII; art. 203, incisos IV e V; art. 208, inciso III; art.227.º2º, e art. 224. O art. 208, inciso III garante “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): estabelecem procedimentos nas áreas de saúde, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização, trabalho e atos infracionais, no atendimento a crianças e adolescentes com deficiência.

- Resolução CNE/ CP nº/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, define que as Instituições de Ensino Superior devem prever em sua organização curricular,

formação docente voltada para a atenção às diversidades e que contemple conhecimento sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

- Apesar dos documentos acima mencionados afirmarem da importância da inclusão, percebe-se que nas escolas, os alunos colocados para a inclusão nem sempre estão à vontade no meio, pois nossas escolas não estão adaptadas para receber ou ensinar estudantes que apresentem DA ( Deficiência Auditiva ). Sua maior dificuldade trata-se do ensino de língua inglesa pois temos de fazer adaptações metodológicas para diferentes conteúdos e ainda não existe o preparo para tanto.

Sobre esta questão Sacks (neurologista Inglês) expõe que:

“o fato de crianças surdas estudarem com crianças ouvintes pode trazer o benefício da ampliação da visão de mundo, mas também pode provocar um afastamento do surdo de sua própria língua e cultura, uma vez que eles não são considerados deficientes, mas sim uma minoria lingüística, uma comunidade, e que têm o direito de conviver com outros surdos como eles e aprender uma língua que lhes seja aprazível.” (SACKS, 1989, p.149)

Diante destes fatos, concluí que o conhecimento de Libras pelo professor é essencial, pois a ausência de uma língua em comum gera a não participação do aluno em sala de aula, pois falta a mediação, comum em todo o percurso da aprendizagem..

As discussões de Sacks são bem importantes para este trabalho. No entanto, não problematizam o ensino de língua inglesa nas séries fundamentais. Um dos trabalhos da área de Língua inglesa que discute inclusão é a tese de mestrado de Claudiney Maria de Oliveira e Silva, intitulada “O Surdo na Escola Inclusiva Aprendendo uma Língua Estrangeira (INGLÊS)”: Um desafio para professores e alunos Brasília (2005). Desta pesquisa, resalto três pontos importantes:

“ o fato é que nenhum dos professores que trabalhavam diretamente com os surdos estava realmente preparado para tanto, a começar pela língua de sinais. Isto admitido e dito pelos próprios professores, que se sentiam carentes de orientação e muitas vezes, frustrados com o próprio trabalho que avança e vai promover um acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia. (PCNs, p.

Os PCNs reconhecem que o português não é a língua materna dos alunos surdos (p. 23) já que propõem o seu ensino como segunda língua, e reconhecem também a importância da língua materna no processo de aprendizagem de LE dos alunos.

“No que se refere aos conhecimentos que o aluno tem de adquirir em relação à língua estrangeira, ele irá se apoiar nos conhecimentos correspondentes que tem e nos usos que faz deles, como usuário de sua língua materna em textos orais e escritos. Essa estratégia de correlacionar os conhecimentos novos da língua estrangeira e os conhecimentos que já possui de sua língua materna é uma parte importante do processo de ensinar e aprender a Língua estrangeira. Tanto que uma das estratégias típicas usadas por aprendizes é exatamente a transferência do que sabe como usuário de sua língua materna para a língua estrangeira” ( PCNs 2004, p.32)

Finalmente devemos considerar que a inclusão do aluno surdo na escola regular requer uma profunda alteração na forma como ela é estabelecida hoje. Há diversas ações que precisam ser realizadas. Não é possível falar em igualdade de acesso sem que antes haja adequações curriculares, pessoas preparadas com o coração e espírito aberto para uma verdadeira inclusão. Pensando nesta Inclusão, surgiu o Projeto. Ensinar Inglês Através das Libras, oportunizando a todos na sala, tomar conhecimento da Língua Inglesa e das Libras simultaneamente e para proporcionar uma metodologia diferenciada entre o aluno surdo que está aprendendo e a língua inglesa, permitindo que ele possa interagir com seus pares e fazer o uso no seu cotidiano.

### **3 Estratégias e ações**

O Projeto de Intervenção Pedagógica foi desenvolvido com o propósito de organizar atividades diferenciadas na área de Língua Estrangeira Moderna - Inglês sob o título Ensinando Inglês Através das Libras. Diálogos possíveis .

Tal projeto visa difundir a Libras sendo Trabalhada junto com Inglês no

âmbito escolar. O público alvo destinado foram os alunos do 6º ano A – um total de 39 alunos do Colégio Estadual Lincoln Setembrino Coimbra- na Rua Bico de Lacre 825 – Jardim Califórnia, em Araucária – Pr.

O projeto foi aplicado no primeiro semestre de 2014 entre os meses de fevereiro e junho nas dependências do colégio, as atividades foram desenvolvidas num total de 12 aulas/horas de 50 minutos cada.

Foram desenvolvidas diversas atividades: apresentação do Projeto para a comunidade escolar, conversa com direção e pedagogos para que possamos contribuir na reformulação do projeto Político e Pedagógico da Escola. Conversa com os pais dos alunos da turma em uma reunião feita nas dependências da Escola no dia 25/02/2014, onde expliquei a finalidade do mesmo, coletei informações sobre os familiares dos alunos, para saber da existência de casos de surdez na comunidade me coloquei à disposição para maiores informações e orientações.

Após a reunião, a diretora da Escola, foi procurada por uma das mães que manifestou sua alegria por saber que a Escola possuía um projeto do gênero, pois sua filha possui baixa audição. Concretizei uma palestra feita pela Unidade de Saúde para os alunos dos 6.º anos A e B nas dependências do Colégio Estadual Lincoln Setembrino Coimbra, feita pela Fonoaudióloga Andreia, onde conseguimos esclarecer dúvidas sobre a surdez, culminando com uma entrevista de uma aluna surda que atualmente cursa a Universidade Federal, servindo como base para mostrar aos nossos alunos, que é possível para todos ser um cidadão participativo na sociedade mesmo sendo portador de alguma deficiência, e que não existe razões para exclusão.

O principal objetivo deste projeto e a sistematização de conhecimentos no uso das Libras dentro da disciplina Língua Estrangeira Moderna- Inglês, rompendo as barreiras existentes entre o professor e o aluno surdo, pois dentro da Inclusão, muitas vezes não dispomos de Intérpretes para nossas salas de aulas. Proponho também o uso do mesmo para outras disciplinas de Línguas.

### **3.1 Aplicação do Projeto**

O início da aplicação do Projeto se deu no dia 06/03/2014 De uma turma de 39 alunos 38 estavam presente no primeiro dia. Eu havia planejado o Warm Up com música, mas não foi possível, tivemos um problema com o som. Iniciei uma

conversa com eles falando sobre o assunto, explicando o que era surdez, oportuneizei que eles me falassem de seus conhecimentos. Tive muita ajuda de alguns educandos que conheciam surdos e despertou a curiosidade de outros que nunca haviam visto, expliquei como seria o nosso trabalho, a necessidade da abertura para algo novo, pois para eles seria novidade dupla. Eles nunca tiveram Inglês, e nem tampouco Libras. Reafirmo o quanto é bom trabalhar com as séries iniciais, pois eles embora tenham pouco conhecimento, a curiosidade natural, motiva a aprendizagem.

Introduzi o Alfabeto em Inglês, expliquei que o alfabeto é mundial, que aquele alfabeto era igual o usado para o Brasil mas que em Inglês a pronúncia é diferente. Pratiquei o significado do Spell, usando meu nome e comecei a praticar primeiro com toda a sala, depois individualmente, usando o alfabeto e a pronúncia de seus nomes em Inglês. Adotei uma estratégia de notas, para motivação pois eles sempre reagem perguntando se vale alguma coisa fazer ou não. Entreguei atividades de homework .

Durante a aula seguinte trabalhamos nas correções dos exercícios e constatei que alguns educandos haviam escrito seus nomes conforme a pronúncia em Inglês. Retomei o assunto, para uma nova fixação e após diversas práticas, consegui que viessem ao centro da sala, sempre explicando que ao iniciarmos nosso trabalho com Libras, o mais importante é o visual. Comecei a falar de como era usado o alfabeto pelo surdo. Expliquei que o alfabeto é universal, mas que para o surdo, ele aparece em Libras. Neste momento entreguei individualmente uma tabela do alfabeto em Libras, orientando que fixassem na contra capa do livro didático. Pedi que pusessem os alfabetos lado a lado e comecei a soletrar para a sala, vagarosamente para que tivessem noção da similaridade. Repeti diversas vezes o alfabeto, primeiro falando, depois diversas vezes apenas mostrando as mãos, articulando, fazendo com que sentissem como é para o colega surdo. Busquei trabalhar o máximo possível com as mãos.

O tempo de aula é pouco, pois sempre necessitamos harmonizar a sala para continuar a desenvolver as atividades. Mostrei como soletrava o meu nome. Eles exultaram ao verificar que seria possível conversar, usando as mãos.

Verifiquei também que a maioria dos alunos se acalmaram e assumem uma certa responsabilidade, com os colegas que não entendem tão rápido. Repeti a leitura diversas vezes, a cada aula, fazendo com que me acompanhassem usando

suas próprias tabelas. Passei a praticar os nomes individualmente para que se sentissem seguros. Fizemos atividades de Greetings e deixei com eles uma atividade de homework para a aula seguinte.

Coloquei a sala em círculo, corriji os exercícios de greetings. Após expliquei para os educandos como somos recebidos na comunidade surda, contei para eles como foi minha chegada, mostrei a eles meu sinal, expliquei porquê usamos sinais. Sugeri que cada um pensasse em um sinal para si, pois eu temia que houvesse “bullying” se fosse dada oportunidade para batismo de outros colegas. Fizem a escolha de sinais, embora alguns alunos pelo seu modo de ser, não quiseram neste primeiro momento escolher nenhum, ensinei a eles os passos básicos de apresentação em Libras e Inglês como articular as mãos para se apresentar dizendo seus nomes, seus sinais e as saudações correspondentes. Hello/oi, my name/ nome, my sign/sinal em Libras.

Constatei a importância de estudar Libras, pois o movimento corporal e facial deve ser constante para o entendimento. O envolvimento dos educandos foi grande, para eles foi uma descoberta motivadora.

Foi bastante trabalhoso pois a turma é grande, e diversas vezes foi necessário pegar nas mãos de alguns alunos, pois as dificuldades deles são grandes. Foi possível observar que os educandos se acalmam quando praticam as Libras, foram bastante participativos e interessados, querem ser vistos e avaliados durante toda a aula.

Trabalhei também um quebra cabeças em Libras com equipes na sala, sempre usando Libras e associando o Inglês. Fizemos uma atividade ao ar livre, onde eles se encontravam casualmente e se apresentavam em Inglês e Libras simulando um encontro natural.

Finalmente trabalhei Datilologia, onde após explicar o significado da palavra, exemplifiquei, fizemos diversas dinâmicas na sala de aula, trabalhei com um alfabeto gigante, que foi motivador. E apliquei uma pequena avaliação sobre o tema.

Pude constatar que o Ensino das Libras atrelado à outras disciplinas é possível, pois podemos observar a mudança de atitudes ao levar o assunto Língua Estrangeira surdez e inclusão entre os educandos, fazendo-os dar uma nova valorização para seu próprio saber, levando-os a acreditar mais em seus potenciais e abrir seus horizontes para a realidade do próximo, desenvolvendo o respeito pelas diferenças e assim possibilitando um melhor convívio social.

#### **4 Repasse Metodológico - Grupo de Trabalho em Rede ( GTR )**

Durante o GTR<sup>5</sup>, pude constatar como existem pessoas comprometidas em realizar mudanças que podem auxiliar na melhoria do ambiente e na aprendizagem para os alunos inclusos. Surgiram diversas sugestões de atividades e sites.

Seguindo o modelo padrão desenvolvemos o Grupo de Trabalho em Rede (GTR) no ambiente Moodle no 2º semestre de 2014, no período de 28/03/2014 até 06/05/2014, com professores que eram de diferentes lugares do Paraná, alguns já tinham experiências com Inclusão. Cada um com práticas e realidades diferente e lecionando em várias modalidades de ensino: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Salas com Inclusão. Apenas dois não eram de Língua Estrangeira Moderna, que por sinal achei muito pertinente, pois acredito que a inclusão deve atingir a todo o corpo funcional de um Estabelecimento de Ensino. Todos temos de conviver com o Educando incluso.

O primeiro fórum veio de encontro com a nossa maior angústia, que gerou este artigo, com a pergunta: Pelo seu ponto de vista, o que seria necessário fazer para atender a todos em sala de aula com equidade ?

Foi repassada a teoria, textos de fundamentação teórica sobre a inclusão. Tudo foi analisado e discutido pelos participantes do GTR, após a leitura e discussão do projeto de intervenção pedagógica. Os colegas participantes fizeram sugestões e avaliaram o material produzido .

O ponto principal é verificar que não estamos sós, nestes momentos difíceis de implantação de Inclusão, Mas que existem outras pessoas voltadas para um crescimento nesta aprendizagem para a qual não fomos habilitados. A grande maioria dos participantes repassou suas alegrias com os resultados obtidos pelas atividades que já haviam feito com seus alunos, outros acrescentaram sugestões novas de onde foi possível fazer diversas adaptações em ações da aplicação em sala de aula.

Meu objetivo principal com este trabalho, é proporcionar uma verdadeira

---

<sup>5</sup> Atividade do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que se caracteriza pela interação virtual entre os Professores PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual.

inclusão em sala de aula, entre ouvintes e surdos, criando materiais possíveis para ambos. Ainda necessitamos desenvolver a sensibilidade de colegas nossos para que sintam que o aluno surdo necessita de atividades visuais, pois nem sempre é possível sentir vibrações. O ponto principal é sentir que os colegas em sua maioria buscam melhorias no processo de Inclusão. Nós professores, pesquisamos , adaptamos e trazemos para a nossa realidade o imprevisto necessário para que todos nós possamos desempenhar melhor nosso trabalho .Nosso propósito é permitir que o aluno surdo se aceite como surdo, convivendo entre os ouvintes, e precisamos de cautela para que ele assim permaneça , sentindo-se bem sem que tentemos mudar sua condição Embora pareça pouco, mas ao chamar a atenção para um rosto pintado durante uma peça teatral, um jogo diferenciado, onde seja possível usar outras habilidades que não sejam auditivas. Ampliar um vocabulário através de jogos, memorizações, ditados em Libras (datilologia).

Organizar outros materiais prevendo até mesmo a disponibilidade de cópias, pois o visual é fundamental, dicionários em cores ,mostrar a importância do uso do corpo, das expressões , que permite que a transmissão do assunto proposto seja melhor entendido, incluir os alunos surdos em apresentações teatrais, criar vídeo com eles, bingos, trazer a história surda mostrando aos alunos ouvintes que somos uma sociedade e que necessitamos uns dos outros, ampliar a interação entre os alunos despertando a atenção para os fatores que existe uma realidade paralela que quase sempre passa despercebida, onde outras pessoas que fazem parte do nosso cotidiano, possuem outras habilidades que devem e podem ser usadas e respeitadas em todas estas ações estaremos engajados na luta humanitária de saber que não existe padrões de seres humanos. Existem seres humanos que aqui estão e têm direitos e deveres como todos.

A inclusão existe em todos os níveis e espaços, e cabe a cada um de nós participar dela por obrigação e direito.

## **5 Considerações finais**

A adaptação das Libras na prática da língua Inglesa, é algo sugestivo e desafiador. Tive a oportunidade de tornar as aulas mais cativantes, ensinando aos pequenos as Libras, na minha aula de Inglês .

Constatarei também que a criança ao ser trabalhada nos anos iniciais, possui



muito mais discernimento, por estar em formação, e traz para todos nós grandes lições de sinceridade, desprendimento, abertura para o novo, o diferente, e necessitamos trabalhar um pouco mais com eles nesta fase. Um jovem bem preparado, será um adulto melhor. É preciso que sejam revistos os números de alunos em sala, para que realmente haja uma inclusão. Constatei que uma sala muito numerosa, faz com que o professor tenha menos tempo para dedicar ao aluno incluso, temos de cuidar para que não se transforme na verdade em uma exclusão.

O aluno deve sentir que será sempre bem vindo, e não motivo de diferenciações e peso no ambiente de sala de aula. Quando organizamos atividades que envolvem a todos, podemos fazer valer a igualdade de oportunidades, propiciamos uma abertura de saber e tornamos nossos trabalhos melhor.

Também ressalto que o preparo de todos os professores para as inclusões, faz-se necessário, devendo ser ofertado cursos nas áreas específicas, custeado pelo Orgão Empregador, As escolas que ofertam Libras, cobram um preço elevado, que faz com que o investimento na área seja bancado com dificuldades. Não encontrei aulas de Libras dadas como CELEM, que oportunizar que mais pessoas tivessem acesso a elas.

Relembrando uma citação de Silva 2005:

*A sala de aula de língua inglesa inclusiva, torna-se palco de um delta linguístico onde um grupo majoritário de alunos ouvintes fala português, um grupo minoritário de alunos surdos fala Libras, uma professora de Inglês fala português (e Inglês) e não necessariamente Libras e por fim uma intérprete de Libras que fala português e não obrigatoriamente sabe Inglês (pag 15).*

Tudo isto faz com que o ensino do Inglês para o aluno surdo, chegue de forma terceirizada. Sendo que é perfeitamente possível que o professor tenha esta comunicação direta com o aluno surdo na sua sala de aula..

Urge também uma reestruturação nos currículos escolares, para que possam auxiliar no processo educativo, articulando entre as dimensões cognitiva, social e afetiva na inclusão. Levando em conta as diferenças culturais, financeiras e físicas presentes nas salas de aulas de nossas comunidades.

Um professor preparado, poderá fazer melhor a justiça social em matéria de educação.

Finalizo afirmando que valeu todo este processo de aprendizagem que tive nestes dois anos. Aprendi muito e especialmente despertou minha vontade no

transmitir minhas aprendizagens. Em Inglês e Libras, lembrando sempre que não devemos parar. Não devemos fechar os olhos para o outro. E devemos acreditar que sempre haverá um novo modo de ensinar, que podemos crescer muito dentro de nosso trabalho, sendo um profissional melhor e um ser humano mais realizado .

## **Referências Bibliográficas**

Alves, Dulcimary F **Professor, tem alguém ficando para trás**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Brasília UM B 2007 – Acessada em 03/11/2014

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1999

Brasil. Secretaria de Educação Básica .Formação de Professores do Ensino Médio, etapa I – Caderno IV. Áreas de conhecimento e integração curricular/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; autores Marise Nogueira Ramos, Denise de Freitas, Alice Helena Campos Pierson)- Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 47p.: il

Declaração Internacional de Montreal. (tradução de Romeu Sasaki). Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec\\_inclu.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec_inclu.pdf)>. Acesso em 05/07/2013.

**Direitos Humanos no cotidiano**. 2ª ed. UNESCO. Universidade de São Paulo, 2001.

Libâneo Carlos --- **Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática**. – Pacto Nacional pelo Ensino Médio – Capítulo VIII –

Gesser A - **Libras que Língua é essa ?** São Paulo- Parábola 2012.

PEREIRA M,- Choi.D, - Vieira M -, Gaspar P.-, NAKASATO R. **Libras conhecimento além dos sinais**. Editora Pearson São Paulo 2012.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Estrangeira Moderna**. Curitiba, 2008.

PAROLIN, I. C. **Aprendendo a Incluir e Incluindo para aprender**. São José dos Campos: Pulso Editó.

Revista Escola. Ed 222 maio de 2009. Disponível em [http://revistaescola.abril.com.br/linguaestrangeira\\_fundamentos/não\\_há\\_receita\\_ensino\\_linguagem\\_estrangeira](http://revistaescola.abril.com.br/linguaestrangeira_fundamentos/não_há_receita_ensino_linguagem_estrangeira). Acessado em 04/11/2014

SILVA, C. M. O. **O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira**

**(inglês): um desafio para professores e alunos.** Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Brasília:UNB, setembro, 2005, 230 p.rial, 2006.

Skliar, C.Perspectiva **Política e Pedagógicas da Educação Bilíngue para surdos.** Porto Alegre. Mediação 1997.

VELOSO, E Maia, V. **Aprenda Libras com Eficiência e rapidez.** Editora Mão sinais – Curitiba. 2012, 7ª edição.